



# miguilim

revista eletrônica do netlli  
volume 1, número 1, dez. 2012

## O CONTEXTO FILOSÓFICO DE MIKHAIL BAKHTIN: SEUS PRIMEIROS DIÁLOGOS



José Evandro dos Santos SILVA (Netlli/URCA)  
Francisco de Freitas LEITE (URCA)

[RESUMO](#) | [INDEXAÇÃO](#) | [TEXTO](#) | [REFERÊNCIAS](#) | [CITAR ESTE ARTIGO](#) | [OS AUTORES](#)  
RECEBIDO EM 22/09/2012 • APROVADO EM 22/09/2012 (AUTORES CONVIDADOS)

---

### Resumo

---

Este estudo propõe uma breve e inicial reflexão acerca das concepções e conceitos de base filosófica, sobretudo ato ético e alteridade constitutiva e a fundamentação de uma filosofia primeira sob uma ótica fenomenológica, circunscrita à fase de 1920 até 1924 de Bakhtin e o Círculo.

---

### Entradas para indexação

---

**PALAVRAS-CHAVE:** Metodologia da ciência. Ato ético. Alteridade constitutiva.

---

### Texto integral

---

Mikhail Bakhtin é assumidamente um filósofo, um *pensador*, de modo que iniciamos nossas investigações tendo em vista sempre que suas reflexões assumem dimensões vastas e, em particular, fundamentam-se na questão relativa à filosofia como *metodologia do conhecimento*. Essa concepção encontra-se na base das pesquisas do neokantismo, corrente filosófica representada pela escola de Marburgo, com a qual o filósofo russo dialogou sobejamente no início de seus estudos, sobretudo em sua obra *Para uma Filosofia do Ato* (1920).

Boukharaeva (1997, p. 5) indica que o *caráter metodológico* e a *conceptualidade filosófica* são pontos basilares na elaboração intelectual de Bakhtin. É exatamente isso que caracteriza um estudioso como filósofo: a sua busca por princípios primeiros que se adequam às necessidades investigativas da ciência. Esse núcleo heurístico característico das buscas bakhtinianas dá indicações esclarecedoras acerca da natureza dos diálogos travados inicialmente com a escola de neokantianos e, ainda, com o próprio Kant.

“A Crítica kantiana não é uma investigação da faculdade cognitiva, mas uma metodologia da ciência” (ROVIGHI, 1997, p. 259). Tal raciocínio é base dos estudos neokantianos, estudos que reclamavam uma volta às principais premissas das investigações do filósofo Kant. A preocupação fulcral deste era tornar a filosofia capaz de dar conta das investigações científicas. Era exatamente seu caráter científico que estava em jogo.

Assim, a filosofia tem a tarefa de elaborar métodos adequados a fim de se chegar a uma ciência verdadeira. No pensamento de Nartop, filósofo neokantiano, a filosofia deve ser a *teoria da ciência* e, como tal, terá seu caráter e autonomia próprios (ROVIGHI, 1997, p. 261). Boukharaeva explica que a filosofia se caracteriza justamente por tal instrumentalidade no que concerne às soluções da atividade científica. Diz ela que, em momentos de crise na ciência, “A filosofia oferece o sistema de princípios, abordagens, critérios principais para solucionar as tarefas diversas que surgem nas áreas diferentes da atividade humana” (BOUKHARAEVA, 1997, p. 6).

Sendo assim, no início do século XX, havia inconsistências no âmbito científico que o jovem Bakhtin propôs estudar, como explicita Boukharaeva (1997, p. 6), quando diz que “Bakhtin [...] criou a sua própria variante de abordagem filosófico-metodológica da linguagem, da literatura, da pessoa e da cultura – do universo”. A filosofia é a perscrutação de modos pelos quais se pode chegar ao conhecimento do mundo. É, pois, a *metodologia* da ciência.

Para o filósofo Rickert, “A filosofia deve ser ciência: saber por saber, teoria pura” (ROVIGHI, 1997, 266). É aqui que se encontra o cerne de desacordos entre a

escola de Marburgo e o Círculo. Entendemos que o cisma entre a escola de Marburgo e o Círculo se encontra exatamente na perspectiva *fenomenológica* adotada pelo Círculo em contraposição à escola neokantiana, que, é claro, enxerga o mundo a partir da ótica *racionalista*. É possível vermos esse embate filosófico sobejamente na obra *Para uma filosofia do ato*, na qual Mikhail Bakhtin fundamenta a filosofia primeira na base do *ato responsável*.

## 2 O Grupo Filosófico e suas preocupações

Mikhail Bakhtin tinha como segunda língua, desde cedo, o alemão. Assim, teve contato com obras escritas nessa língua, em particular, a do filósofo Immanuel Kant. Em sua juventude já, tornou-se adepto das concepções do kantismo, que era, na época, muito forte em seu país.

Formou-se em 1918, um período de grandes mudanças sociais, que envolviam resguardos inevitáveis em favor da própria vida. Algum tempo depois até 1924, Mikhail Bakhtin morou em Nevel e Vitebsk, onde floresceram seus primeiros estudos de cunho essencialmente filosóficos. Nesse período, Mikhail Bakhtin lecionava sobre Kant. Também foi o momento em que se originou o Círculo. Participavam deste M. I. Kagam, L. V. Pumpiansky, M. V. Yudina, P. N. Medvedev e V. N. Voloshinov *et alii*. Contemporaneamente, esse grupo de estudos era denominado de *kantiano*.

Esta fase inicial ficou marcada, para Bakhtin, pela busca da sobrevivência, embora não o tenha impedido de estar ativo em sua produção intelectual, sendo, com efeito, um dos períodos mais prolíferos de sua carreira. Assim, esse momento foi de grande turbulência, em que se vivia o pós-Revolução e adentrava-se a Guerra Civil. Contudo, no tocante à vida intelectual, tivemos excitação e muitas produções, apesar de invernos rigorosos e devastadores. Houve muita privação material, inclusive de papel, o que aumentou as atividades orais em debates públicos. Nestes, a religião era um tópico popular.

Foi justamente nessa época que Bakhtin se viu enfermo, por acometimento de grave doença. A osteomielite, ou inflamação da medula óssea, espalhou-se por seu corpo, impedindo-o de realizar suas atividades normais. Contudo, a enfermidade apenas travou sua movimentação física, pois o que ela conseguiu mesmo foi estabelecer sua rotineira atividade daquele momento em diante: acordar cedo e ler até o fim do dia, sentado em sua poltrona confortável, bebendo várias xícaras de chá e fumando muitos cigarros, em companhia de sua esposa, Elena Aleksandrovna. Desse modo, apesar dos estorvos provocados pelas dores, não foi de maneira alguma improdutiva, tal fase de sua vida.

O grupo ambicionava constituir uma escola filosófica de grande peso. Como vimos, era composto de vários participantes, cada qual com aspirações díspares, entretanto de comum acordo na “paixão pela filosofia e o debate de ideias”. Naquele momento caótico, buscava-se estudar e debater textos antigos bem como reflexões de notórios escritores atuais.

Portanto, nossa reflexão inicial está circunscrita à fase de 1920 até 1924, na qual foram produzidas as seguintes obras *Arte e responsabilidade*, *Para uma filosofia do ato*, *O autor e herói* e *O problema do conteúdo, do material e da forma na criação literária*. Nesta última, é proposto o estudo do fato artístico através de uma *Estética Geral* ou filosófico-sistemática. É imperativo destacar que Emerson (2003) exclui do período em causa exatamente este escrito, dado pertencer a um possível próximo período, caracterizado por uma nova orientação da parte do próprio Bakhtin, em que tencionava a publicação de suas produções. O período anterior à data de 1924 se constitui como a fase “manuscrita”. Desse modo, essa data passa a ser um divisor de águas, “o fim do período [...] de especulações filosóficas” (EMERSON, 2003, p. 292). Boukharaeva (1997, p. 15) denomina esse momento de *primeiro período*, e Todorov (2010, p. XXVI), de período *fenomenológico*.

É pertinente a indicação da natureza das reflexões bakhtinianas dessa época como sendo fenomenológica, visto termos em *Para uma filosofia do ato* o esboço da *Filosofia Primeira* de base estritamente fenomenológica. Cumpre notar, ainda, que Clark e Holquist ([1984] 2008, p. 89) designam as pesquisas dessa época como “A Arquitetônica da Responsabilidade”. Eles também observam que o termo *arquitetônica* é o que Bakhtin entende por “atividade de formar conexões entre materiais díspares” (CLARK e HOLQUIST, [1984] 2008, p. 107).

### **3 O ato ético e a filosofia moral**

Havia um lago na cidade de Nevel que recebeu de Bakhtin o epíteto de *Lago da Realidade Ética*. Esse fato ilustra bem a centralidade do elemento *ético* na criação intelectual de Bakhtin. Em particular, vê-se refletido na elaboração do projeto da *Filosofia Primeira*.

Para o pensador russo, a filosofia primeira deve ser uma *filosofia moral*. Bakhtin ([1920] 2010, p. 114) diz que “O mundo no qual o ato se orienta fundado na sua participação singular no existir: este é o objeto da filosofia moral”. Esta filosofia primeira é de base essencialmente fenomenológica, ou seja, é uma reflexão acerca do modo como se dá o evento aberto da vida cotidiana em sua imediatidade característica, com referência particular à dimensão ética. “É uma espécie de axiologia pragmática”, nas palavras de Clark e Holquist ([1984] 2008, p. 89).

Na argumentação inicial, o filósofo afirma que há uma separação entre a realidade concreta e a ciência ou investigação dessa realidade concreta. É a cisão entre o *mundo da vida* e o *mundo da cultura*. O conhecimento teórico é insuficiente no que concerne à apreensão da realidade concreta e não pode, por princípio, tocar nem ao menos no cerne de uma vida real. Tal fato é oriundo da realidade indelével de que, na abstração, *eu*, em minha condição de entidade viva e responsável face às valorações, fico de fora da esfera teórica.

Desse modo, uma filosofia primeira deve ser uma filosofia fenomenológica em que se dê o devido valor à entidade concreta do mundo, o *eu* como pessoa constituída de consciência axiológica em relação ao *tu*, ou ao *Outro*. É em consideração a tal raciocínio que Bakhtin concebe o núcleo da constituição *arquitetônica do mundo real do ato* como sendo as seguintes instâncias: (I) *eu-para-mim*; (II) *outro-para-mim*; (III) *eu-para-o-outro*.

Tal modelo tripartite do *eu* bakhtiniano corresponde a duas distinções fundamentais: Espírito (*dukh*) e Alma (*dusha*), vistas como dimensões concretas da individualidade humana, sempre constituídas por meio da interação intersubjetiva. Emerson (2003, p. 260) lembra que apenas *dush* (gerada a partir da interação Eu/Tu) possui “uma certa dureza, um gume real, uma certa conclusão formal”, enquanto que *dukh* (eu-para-mim-mesmo) “é incipiente, e fluido, é destituído de voz própria e capaz de consumir”. Cumpre relevar, pois, que o núcleo da arquitetura do mundo, objeto da filosofia primeira moral de Bakhtin, é, de fato, instâncias de caráter concreto, uma vez que são constituídas por pessoas reais, que atualizam seus valores no *devir* histórico.

A filosofia primeira de Bakhtin de base fenomenológica e de caráter moral se contextualiza em dada época de buscas por fundamentos científicos confiáveis. Outro modo, entretanto, de se entender a relevância do papel da natureza da filosofia moral de Bakhtin é compreender o valor dado à moralidade no pensamento russo, pois, como ele mesmo põe: “A vida pode ser compreendida pela consciência somente na responsabilidade concreta. Uma filosofia da vida só pode ser uma filosofia moral” (BAKHTIN, [1920] 2010, p. 117).

Esse embate em volta da *razão teórica* e do *ato responsável* como sendo a realidade concreta vivida ganha corpo no momento em que se discute a *ética formal* de Immanuel Kant. Como observado por Bakhtin ([1920] 2010, p. 79), “Assim, o teoricismo fatal – a abstração do meu eu singular – ocorre também na ética formal: aqui, o mundo da razão prática é em realidade um mundo teórico, e não o mundo no qual o ato é realmente executado”.

Nesse assentimento, podemos destacar a originalidade da reflexão bakhtiniana em torno da inserção do indivíduo real na investigação das bases da realidade original. Clark e Holquist ([1984] 2008, p. 83) deixam isso claro quando explicitam que Bakhtin procurava “amalgamar os três grandes tópicos da

metafísica ocidental – epistemologia, ética e estética – em uma única teoria dos atos”. Para Bakhtin, o ato ético era real e atualizado em face da materialidade imediata.

#### **4 A alteridade e a religião**

Para Mikhail Bakhtin, a religião deve estar entrelaçada às investigações de natureza essencialmente filosóficas, de modo que sua criação intelectual, no que toca à temática, não é estritamente religiosa, mas se caracteriza, na verdade, como uma *filosofia da religião*. O filósofo evidentemente buscava uma visão universal na investigação teológica.

Mas destaquemos que ele era um homem religioso. E, de fato, Clark e Holquist ([1984] 2008, p. 105) indicam que o Cristianismo o influenciou sobremaneira a ponto de afirmar que a oposição Eu/Tu ser própria de tal influência, tirada da relação entre Deus e homem. E afirmam que “[...] o que distingue Bakhtin não são as suas teorias sobre a personalidade de Cristo, porém o modo como ele se utiliza de tais ideias para renovar outras áreas que não a teologia” (CLARK e HOLQUIST, [1984] 2008, p. 105).

Não há prova definitiva de uma ligação efetiva a um grupo religioso, conquanto fosse acusado de tal fato quando da ocasião de seu desterro do território russo. Entretanto, havia alguns grupos religiosos independentes e clandestinos com os quais Bakhtin teve sim relação, pelos menos no intuito de confrontar opiniões opostas. Uma delas foi a Irmandade de São Serafim, que se aproximava mais da postura ortodoxa. E foi exatamente a esta que, mais tarde, o acusaram de participação.

Seu líder, Askoldov, era de interesse especial para Bakhtin, mormente no que diz respeito à relação Eu/Tu, preocupação que foi tema de suas reflexões, quando Bakhtin apenas iniciava suas investigações acerca do papel da alteridade nas relações humanas. Este grupo foi assaz influenciado por Florênski, notável pensador russo, que compartilhava com Bakhtin concepções comuns, especialmente nos seguintes aspectos: (I) ênfase na comunidade, (II) anticlericalismo e (III) distinção entre Eu/Tu (CLARK e HOLQUIST, [1984] 2008, p. 160). Desse modo, a cristologia bakhtiniana era em essência não-canônica e não-sectária (CLARK e HOLQUIST, [1984] 2008, p. 161).

Contudo, havia uma crucial diferença entre ambos: enquanto Florênski preconizava evasão do mundo tangível da experiência em direção a uma instância imaterial acima, Bakhtin valorizava o papel dos sentidos para a felicidade física (CLARK e HOLQUIST, [1984] 2008, p. 161-162).

Bakhtin mostra-se, pois, influenciado por uma cristologia quenótica. Tal visão o ajudou a conceber a materialidade do mundo como sendo salutar, diferentemente da concepção ocidental, que sublinha os valores espirituais, muitas vezes, em prejuízo da realidade material. Assim, ignorava o estatuto místico da tradição cristológica ocidental.

Desse modo, por estar imerso na tradição quenótica russa, ele tinha grande admiração pela imediatidade da existência traduzida em seus benefícios materiais e carnis. A tradição ligada à doutrina do esvaziamento divino o fez enxergar com olhos receptivos a importância da experiência concreta do mundo cotidiano. A comunidade russa via na corporeidade de Cristo base para um apego à materialidade tão comum a nossa vida cotidiana, fato que Bakhtin absorveu sobejamente.

Para Bakhtin, “Cristo é importante não só como um acontecimento na história cósmica da salvação do pecado, mas igualmente, como evento no desenvolvimento da consciência humana” (CLARK e HOLQUIST, [1984] 2008, p. 108). A revelação teológica serviu de exemplo para a construção de uma teoria referente às relações humanas cotidianas.

A relação entre Deus e a humanidade é o desvendamento de todas as relações humanas em geral, políticas, científicas e artísticas. Sendo assim, “Deus é um modo de conceber o funcionamento da alteridade na vida cotidiana”, sublinham Clark e Holquist ([1984] 2008, p. 109).

Eles ainda observam que, para o filósofo russo, a linguagem é o laço que mantém unida a comunidade (CLARK e HOLQUIST, [1984] 2008, p. 109). A comunidade era de importância particular na sua teologia, como já dito acima.

Na obra *Para uma filosofia do ato*, pois, encontra-se registrado um projeto que Mikhail Bakhtin tentou realizá-lo, no qual havia uma parte exclusivamente dedicada à investigação da *ética da religião*. Infelizmente, tal estudo nunca foi concretizado, por isso resta apenas perscrutarmos resquícios dessa temática que está dispersa em algumas das obras escritas de fato. A obra que apresenta maior índice de referência ao assunto é *O autor e o herói*, escrito por volta de 1923-1924.

Todorov (2010, p. XXIX) argumenta que o princípio de Cristo como o *Outro sublimado, puro e universal* é base do princípio da *transgrediência* encontrada nas reflexões do filósofo. O princípio do amor ao próximo é essencial para a religião cristã. O *eu* deve esquecer a si mesmo a fim de encontrar o valor absoluto do *Outro*, representado nos demais indivíduos (a comunidade) e no próprio Cristo.

Esta obra trata do princípio basilar da relação entre o autor e o herói na criação da estética verbal, que vem a ser o da *alteridade constitutiva*. O outro é capaz de enxergar *a mim* e preencher a visão insuficiente que tenho de *mim mesmo*, mormente no que se refere às dimensões *espaciais e temporais*.

No discorrer da temática, argumenta Bakhtin que o *perdão*, princípio essencial da religião cristã, ocorre por meio da categoria da *alteridade*, representada por Deus. Bakhtin ([1975] 2000, p. 148) diz: “[...] a força e o significado do perdão e da remissão dos pecados só existem através do outro que os realiza”. Ou seja, o filósofo russo vê em Deus o *Outro* absoluto que se caracteriza como a instância em que a humanidade recebe *sua determinação*, visto que a *alma* “[...] só recebe uma forma e um acabamento positivo na categoria do *outro* [...]” (BAKHTIN, [1975] 2000, p. 146. Grifo no original). Esse *Outro*, para Bakhtin, era de fato, no que concerne à religião, Deus, concebido, claro, sob a ótica quenótica, que supervalorizava o esvaziamento divino em busca de uma aproximação *carnal* ou simplesmente em pé de igualdade com a humanidade limitada.

Bakhtin também faz referência explícita às facetas concernentes à religião à medida que tenciona explicar a *natureza* da categoria de herói denominada *introspecção-confissão*. Tal categoria caracteriza-se por um princípio de submissão à categoria do *eu-para-mim*. Toda orientação discursiva é dirigida a si mesmo. Aqui ocorre, contudo, uma ilusão, uma vez que “O exame introspectivo puro e solitário é impossível”, afirma Bakhtin ([1975] 2000, p. 158).

Na sequência da argumentação, ele assevera que tanto mais se isola em si mesmo tanto mais se aproxima da *alteridade absoluta*, que é Deus. Nesse sentido, uma autoconsciência vem a ser impossível. Logo, uma introspecção pura não existe senão como uma relação substancial com a entidade divina suprema. “Fora de Deus, fora da confiança numa *alteridade absoluta*, são impossíveis a autoconsciência e o discurso sobre si mesmo [...]”, conclui Bakhtin ([1975] 2000, p. 159. Grifo no original).

Bakhtin explica, pois, que a *fé* e a *esperança* constituem-se como essências dessa modalidade introspectiva. Daí, surge a *oração*, que é uma atitude de fé ante o absoluto divino como o *Outro* doador de determinação necessária à existente do indivíduo crente.

Vê-se, desse modo, que o princípio da alteridade extraída da tradição cristã é, com efeito, fundante no que diz respeito à relação entre homens, uma vez que “Deus é um modo de conceber o funcionamento da alteridade na vida cotidiana [...]” (CLARK e HOLQUIST, 2008, p. 109).

Contudo, no entender de Emerson (2003), desposa-se a opinião de que, para Bakhtin, na relação Eu/Tu não haveria a necessidade de uma *alteridade absoluta*, no caso, divina. “Deus é uma *possibilidade* nessa relação, não uma necessidade” (EMERSON, 2003, p. 280. Grifo no original). Por isso, concebe-se a posição de Bakhtin em causa como sendo de natureza *secular* em contraposição à abordagem de Buber como *religiosa*, dada a ênfase de seu pensamento de orientação soteriológico (EMERSON, 2003, p. 277 e 281).

Tal discrepância pode ser explicada na medida em que entendemos que Bakhtin concebia a religião numa perspectiva *material*, não metafísica. Sua influência quenótica o faz enxergar as relações inter-humanas como essenciais em substituição à abstrata ou espiritual. A relação Eu/Tu é primordialmente concreta, atualizada no calor da esfera cotidiana (EMERSON, 2003, p. 281).

## 5 Considerações finais

Em acordo com nossas iniciais reflexões circunscritas ao período específico delimitado por nós, cumpre destacar que Mikhail Bakhtin e seu Círculo fundamentaram estudos em uma dimensão estritamente filosófica em diálogo aberto com a escola de Marburgo, ou *neokantismo*, de natureza racionalista, que ambicionava o retorno à investigação original de Immanuel Kant: a *filosofia como metodologia da ciência*.

Nesse sentido, o filósofo russo e seu Círculo desenvolveram reflexões embasadas em *conceitos* extremamente importantes. Entre estes, destacamos o *ato ético*, contextualizado na filosofia primeira de caráter moral, próprio da essência do *ser* que devém incessantemente em sua eventicidade aberta sempre orientado por seu *não-álibi*.

A *alteridade constitutiva – exterioridade* para Emerson (2003) – é também nodal na construção do pensamento bakhtiniano. Como visto anteriormente, tal conceito constitui a base da concepção da relação entre *autor* e *personagem*. É assim entendido, ainda, em contexto religioso, sobretudo quando Bakhtin o revela como princípio básico da relação entre o *eu-para-mim* e o *Outro absoluto*, que é Deus.

Assim, fazemos entender que a natureza do *sujeito* bakhtiniano é deveras basilar nas posteriores reflexões, visto que é inteiramente constituído através de uma relação com o *Outro* em termos de mútua responsabilidade inescapável. Como expresso por Zavala (2009, p. 157), “a responsabilidade tem um caráter ontológico, e o ato provém do eu como centro arquetetônico, sempre orientado para o outro”.

Em tal assentimento, releva notar que a proposta de Bakhtin e seu Círculo é viável no que tange à volta da ótica original de Kant, contudo, diferindo no ponto de vista do sujeito, com efeito *sujeito* às forças externas responsáveis por sua constituição social, constituindo-se, por isso, original, de maneira tal que criou condições para novas *perspectivas metodológicas* no âmbito das Ciências Humanas.

---

## Referências

---

BAKHTIN, Mikhail. [1920] *Para uma filosofia do ato responsável*. Trad. Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

\_\_\_\_\_. [1975] *Estética da criação verbal*. 3. ed. Trad. Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BOUKHARAEVA, Louiza Mansurovna. *Começando o diálogo com Mikhail Mikhailovitch Bakhtin*. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 1997.

CLARK, Katerina, HOLQUIST, Michael. [1984]. *Mikhail Bakhtin*. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2008.

EMERSON, Caryl. *Os cem primeiros anos de Mikhail Bakhtin*. Trad. Pedro Jorgensen Jr. Rio de Janeiro: DIFEL, 2003.

ROVIGHI, Sofia Vanni. *História da Filosofia Moderna – do século XIX à neoescolástica*. 3. ed. Trad. Ana Pareschi Capovilla. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

TODOROV, Tzvetan. Prefácio à edição francesa. In: BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. 5. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010, p. XIII-XXXII.

ZAVALA, Iris. O que estava presente desde a origem. Trad. Fernando Legón e Diana Araújo Pereira. In: BRAIT, Beth (org.). *Bakhtin, dialogismo e polifonia*. São Paulo: Contexto, 2009.

---

## Para citar este artigo

---

SILVA, José Evandro dos Santos, LEITE, Francisco de Freitas. O contexto filosófico de Mikhail Bakhtin: seus primeiros diálogos. **Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 1., n. 1., 2012, p. 18-28.

---

## Os autores

---

**José Evandro dos Santos Silva** é graduado em Letras, pela Universidade Regional do Cariri e pesquisador-voluntário do Netlli-DGP/CNPq. Autor, em co-autoria com Francisco de Freitas Leite, de *Por uma nova abordagem do Latim* (2012).

**Francisco de Freitas Leite** é doutorando em linguística pelo PROLING (UFPB), onde desenvolve pesquisa embasada da filosofia bakhtiniana da linguagem. Mestre em Linguística pela UFPB (PROLING – 2009), especialista em Ensino de Língua Portuguesa pela URCA (1999) e graduado em Letras por esta mesma IES (1998). Atualmente é professor Assistente F da Universidade Regional do Cariri e pesquisador-orientador no Núcleo de Pesquisa em Estudos Linguísticos e

Literários – NETLLI e pesquisador-estudante no Grupo de Pesquisas em Linguagem, Enunciação e Interação – GPLEI, com a Linhas de pesquisa: Discurso e sociedade: a diversidade discursiva e enunciativa. Orientadora: Maria de Fátima Almeida. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Linguística, Língua Portuguesa e Língua Latina, atuando principalmente nos seguintes temas: linguística histórica, história da língua portuguesa e poesia brasileira. Freitas é poeta, tendo publicado quatro obras: **Fuga pela claraboia** (1997, recentemente indicado como obra para o vestibular da URCA), **Ave, sertão!** (1998), **Nacos** (1999) e **Curta versagem** (1993). Sua dissertação de mestrado foi publicada em 2009, sob o título **O latim em cartas do Cariri cearense**. Também organizou, com Edson S. Martins, duas obras coletivas: **Língua, literatura e ensino: a pesquisa acadêmica no DLL/URCA** (2010) e **As veredas da pesquisa em letras: ensaios críticos e teóricos** (2011). Publicou, com José Evandro dos Santos Silva, **Por uma nova abordagem do Latim**, em 2012. Tem três capítulos em livros, sendo um deles (em co-autoria) intitulado Bakhtin/Volochínov e os problemas da construção de sentido, recentemente publicado, em livro sob organização de Fátima Almeida (PROLING-UFPB).